



A construção do indivíduo: a família no discurso da revista Rainha durante a Ditadura Civil-Militar¹

Julia do Carmo da Silva²
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O presente trabalho busca reconstruir, dentro de um panorama da Ditadura Civil-Militar na cidade de Santa Maria, parte do discurso que marcou o período. Analisando reportagens de 1971 da revista Rainha, periódico católico que circulou na época, o trabalho busca mostrar de que forma o discurso da mídia local contribuía para a manutenção da Ditadura Civil-Militar, através da consolidação do modelo de família e indivíduo padrão para a época, com foco nas mulheres.

Palavras-chave: discurso; ditadura civil-militar; Santa Maria, imprensa.

Introdução

A notícia, segundo Motta (2005), é “um constructo cultural relativo a uma determinada ordem de coisas, relativo a uma determinada estabilidade social e histórica institucionalizada”. Muito mais que o relato de um acontecimento, a notícia está envolta na realidade a qual está inserida. Ela é constituída mediante as relações sociais existentes. Dessa forma, pode dizer muito sobre determinado período da história. Assim, ela trabalha para a conservação da memória, de extrema importância para a construção das identidades, tanto individuais com coletivas.

Incluídos na memória da coletividade, encontram-se patrimônio arquitetônico, datas, eventos, personagens, práticas sociais, culturais, uma vez que reforçam o sentimento de pertença e a coesão do grupo social, ou seja, a memória se evidencia como uma necessidade para que o grupo se configure como tal. A memória converte-se, então, em recurso fundador da identidade, uma vez que se estrutura nos elementos e nas práticas imediatas e aparentes que estão tanto na camada superficial ou visível do cotidiano dos indivíduos como nas regiões mais profundas e ignotas, ambas influenciando na consciência de mundo de cada individualidade. (ZINANI, 2010, p. 1). Tendo a preservação da

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UFSM, email: docarmojulia@gmail.com.



memória da cidade como um dos objetivos do estudo, será analisado um conjunto de reportagens, de fevereiro a abril de 1971, da revista Rainha.

Metodologia

O estudo busca analisar de que forma a ideia de família, focando no papel da mulher, é representada na série de reportagens, ligando essa representação ao contexto sócio-político da época. Dessa forma, o trabalho tem como objetivo avaliar como o discurso da mídia cria modelos para a sociedade e para o indivíduo como forma, também, de manter o poder da classe dominante.

Serão analisadas três reportagens, de fevereiro a maio de 1971, da seção “amor-casamento” da revista Rainha. A seção foi escolhida por abordar assuntos relacionados ao papel do homem e da mulher na sociedade, como dicas de comportamento em sociedade, conselhos amorosos, etc. Serão expostos trechos das reportagens, a fim de comprovar as discussões levantadas pelo estudo.

A Revista Rainha

A fundação do periódico está intimamente relacionada à consolidação da presença nos Palotinos nos primeiras décadas do século XX. Ela foi fundada em 1923 em Vale Vêneto, distrito da cidade de São João do Polêsine (RS), por iniciativa do padre palotino Rafael Iop. O veículo nasceu com a pretensão de ser o porta voz dos Palotinos na região.

Durante a década de 1950, a revista vai sendo segmentada, criando seções dirigidas a gêneros e faixa etária específicos. Entretanto, é na década de 1960, com o padre Lauro Trevisan que a revista passa por sua maior transformação. Com o intuito de transformar Rainha em uma “revista de projeção”, o editor realiza mudanças gráficas e de conteúdo, buscando aproximar a revista com o que acontece no mundo, não só na igreja. Entretanto, mesmo com as mudanças, ainda persiste a abordagem de um antigo tema em suas páginas, o comunismo, como atestado no trecho a seguir:

E enquanto existirem esses benfeitores amigos em grande número – a revista Rainha continuará firme na sua luta pelo bem das famílias, pela Religião, pela formação de jovens e dos casais e pela defesa da democracia contra o regime comunista. Quando nos faltarem os benfeitores talvez teremos que silenciar e



isso será um grande passo para a desgraça total das famílias. Pois é isso que quer o comunismo³.

A transformação feita por Lauro Trevisan muda a cara da revista e dá resultados. Em 1970, Rainha atinge o posto de maior revista do sul do país. Em 1978, por decisão da Província, a revista é transferida para Porto Alegre. Ela existe até hoje, mas voltou aos princípios iniciais de revista unicamente missionária. Entretanto, continua sendo um valioso objeto de pesquisa da região, tanto pela importância que adquiriu nos anos da Ditadura Civil-Militar, quanto pela quase inexistência de pesquisas que abordem seu conteúdo.

A Ditadura Civil-Militar em Santa Maria

A Ditadura Civil-Militar no Brasil, que se estendeu de 1964 a 1985 no país, caracterizou-se por ser essencialmente centralizadora e coercitiva tendo, desde o seu princípio, reprimido as forças oposicionistas do governo como o movimento estudantil ou qualquer grupo que ameaçasse o poder instituído. Através dos Atos Institucionais (AI), decretos que eram validados sem que para isso houvesse a aprovação de um órgão legislativo, o regime passou a se fechar cada vez mais, tendo como ápice a promulgação do AI 5, em 13 de dezembro de 1968. Segundo Costa (2009):

No dia 13 de dezembro de 1968, o Presidente instituía o (AI-5) decretando o fechamento do Congresso¹⁸, das Assembleias Estaduais e das Câmaras Municipais; a intervenção nos municípios e territórios; a cassação de mandatos do legislativo e judiciário; o estado de sítio; o confisco dos bens dos acusados e a suspensão das garantias constitucionais. Este ato fechou o Congresso por tempo indeterminado, aumentando ainda mais a censura e a repressão, terminando assim, com a falsa aparência democrática existente até então. (COSTA, 2009, p. 18)

Além dos Atos Institucionais, a censura, prisões, perseguições, e torturas foram outros mecanismos de repressão de regime. Toda essa repressão foi fundamentada na chamada Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento (DSN). A cidade de Santa Maria também sofreu com as implicações do período. Entre as ações militares em Santa Maria estavam as perseguições, as prisões e as torturas morais, psicológicas e físicas.

Não se pode deixar de concluir que Santa Maria pela inserção do movimento estudantil e ferroviário e pela ampla base de militares que a constituía, e 1964,

³ RAINHA. Santa Maria, maio de 1963, p.17.



era estratégica para a consolidação ou resistência ao golpe de 1964. (KONRAD, p. 108)

Como parte de um país imerso em um regime fechado, a cidade refletiu, através de seus periódicos, os pressupostos defendidos pelo período. A defesa da família, da “moral e dos bons costumes” contra o perigo comunista são encontrados facilmente em suas páginas e são neles que irá se basear essa análise.

O ideário de família e cidadão modelo durante a Ditadura Civil-Militar

Eleito o inimigo número da Ditadura Civil-Militar, o comunismo foi alvo de violentas investidas por parte do governo, tomando com base a Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento para justificar seus atos.

À frente das medidas acerca da segurança nacional estava a Escola Superior de Guerra (ESG), órgão que exercia funções de direção e planejamento da segurança nacional, o qual estabelecia as diretrizes que configuraram as estratégias de defesa do país. (SILVA, p. 2)

Essas estratégias mobilizaram identidades de gênero na construção de um ideário patriótico. O Estado preocupou-se de forma especial com a degradação da “moral e dos bons costumes”. A degradação dessa moral, como a desestruturação familiar e os chamados “desvios sexuais” foram atrelados ao comunismo e, portanto, deveriam ser combatidos.

A mulher e os jovens, por serem considerados a parcela mais vulnerável da população em relação ao desvio da moral, recebiam atenção especial nessas políticas. Um exemplo disso é a criação, no período, da disciplina de Moral e Cívica, obrigatória nas escolas, e preocupada com a formação dos jovens, a formação de um cidadão ideal para o período:

As mobilizações em torno do gênero, atribuições de características específicas a homens e mulheres, a naturalização de determinados tipos de comportamentos, vão configurar uma espécie de modelo ideal de cidadão, considerado absolutamente necessário naquela conjuntura sócio-política. (SILVA, p. 6)

Partindo desses pressupostos, analisaremos as reportagens, tentando encontrar em seus discursos essas marcas de mobilização de identidades e gênero.

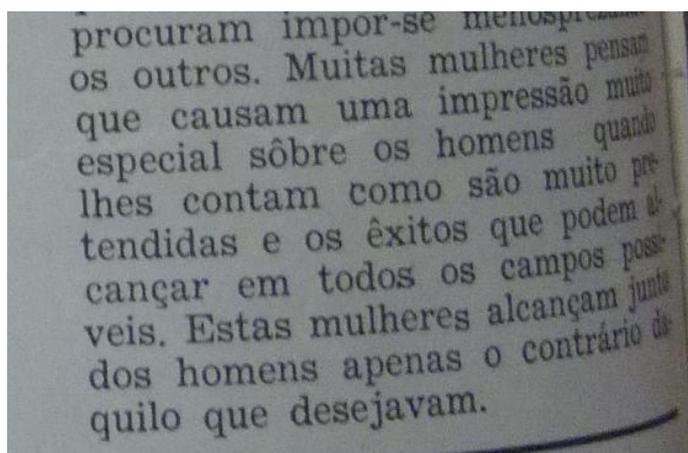
Análise

As três reportagens que servirão como objeto deste trabalho são: “ O charme poderá tornar você realmente irresistível”, “As ilusões que vêm e vão” e “Quinze perguntas dirão quem é você e salvarão seu casamento. As reportagens foram publicadas, respectivamente, de fevereiro a abril de 1971.

A seção amor-casamento busca dar dicas de comportamento e indicar formas de agir, principalmente para as mulheres, a fim de fazer com que as solteiras hajam de maneira adequada para encontrar um marido e que as casadas sejam boas esposas e mantenham e sagrada instituição familiar.

A primeira reportagem, “O charme poderá tornar você realmente irresistível”, dá conselhos à mulher solteira com o intuito de arrumar um pretendente. A pessoa charmosa é, segundo a reportagem é aquela que consegue “espalha a alegria e felicidade à sua volta, a arte de ver o lado melhor de tôdas as coisas (...). E, nesse caso, deve existir também uma prontidão de auxílio, um desejo de fazer bem aos outros, sem esperar agradecimentos”.

É mostrado um passo a passo para que a mulher consiga tornar-se charmosa, passando pela naturalidade, característica difícil de encontrar, segundo a publicação “A maioria das pessoas agem de maneira artificial, porque conversam de maneira estudada”. A modéstia, outra das características recomendadas ajuda a reforçar a visão de que o conhecimento da mulher atrapalha na conquista, como exemplificado no trecho:



Os conselhos dados a seguir na reportagem abordam de que forma a mulher deve se comportar em atividades sociais: sorrindo amigavelmente, dizendo palavras amáveis e sendo bem humorada. Ainda há a recomendação quanto ao consumo de bebidas e a forma de se sentar. Todo esse discurso reforça o papel de submissão da mulher, que se



molda ao que a sociedade dela espera e as preferências e desejos do homem. Sem espaço para contestação, a mulher deve mostrar-se inferior para agradar ao futuro parceiro.

No conselho que finaliza a reportagem, mostra-se fortemente a preocupação com os princípios de moral e bons costumes, inculcados em toda a reportagem, “Se correr ao encontro dêle rapidamente, o homem ficará com a impressão que você diz ‘sim’ a qualquer homem com a mesma facilidade e que já deve ter muitas aventuras amorosas em seu passado”.

A segunda reportagem analisada “As ilusões que vêm e vão”, discute as ideias de ilusões amorosas e da mulher e marido ideais. Usando uma história com três personagens como pano de fundo, critica-se a “mulher lamuriante”, que fala demasiadamente sobre seus problemas para o parceiro. A mulher ideal é aquela representada por Susi na história, que esquece seus problemas e se importa em alegrar o homem.

Mesmo advertindo a seguir que não deve haver subjugação na relação, a moral da pequena história inicial ensina que a mulher que não sabe deixar seus problemas no trabalho não conseguirá ter um bom relacionamento. Mais uma vez se reforça a visão da mulher como uma criatura dócil, pacífica e que deve se esmerar unicamente para ajudar o homem e esquecer aquilo que lhe aflige.

A seguir, busca-se falar um pouco sobre o marido e a mulher ideais. Cita-se então uma pesquisa “realizada na América e Europa” sobre o que os homens esperam de uma mulher e vice-versa:

— «O marido ideal deve ser honesto, paciente e bem apresentado.
— Deve gozar de boa saúde, ser inteligente, amável, cuidadoso, dedicado, fiel e contente com a sua sorte!
— Mas sobretudo deve ser casado.
— É bom quando entende alguma coisa de jardinagem.

não deviam casar.
— Não se deve casar com uma mulher mole.
— Evita-se casar com uma mulher muito inteligente.
— Afasta-se a mulher que é enérgica.
— Evita-se a mulher que se gabava de ser esbanjadora.
— Evita-se a mulher que, por palavras e atos, emprega grandes energias em coisas que não o merecem! »



Percebe-se que as percepções trazidas pela pesquisa são bem diferentes para ambos os sexos. Enquanto a pesquisa afirma as qualidades que o homem deve possuir, para as mulheres são apontados os defeitos que, mais uma vez, estigmatizam a mulher inteligente e independente.

A reportagem “Quinze perguntas dirão quem é você e salvarão seu casamento” traz um teste, através de 15 perguntas, para identificar e ajudar a resolver os problemas matrimoniais. São direcionadas 15 perguntas a cada um dos cônjuges:

amor casamento amor		sim	não
1	Sinceramente... ... arruma-se ainda com o mesmo cuidado que o fazia nos primeiros anos de casada ou como no tempo em que «o» conheceu e a felicidade lhe sorria?		
2	... está convencida de que o seu marido ainda sente orgulho e alegria em sair com você?		
3	... consegue ainda convencer o seu marido de que ele pode procurar e encontrar apoio junto de você, embora o domine há muito tempo?		
4	... é suficientemente inteligente para, à noite, não bombardear o seu marido com os problemas domésticos quando ele está a ler o jornal ou a ver o programa da televisão?		
5	... acha que entre a sua mãe e o seu marido existem as clássicas divergências sogra-genro e, nesse caso, põe-se do lado do seu marido?		
6	... é o anjo salvador que encontra sempre uma solução quando o seu marido tem problemas domésticos ou financeiros?		
7	... como se porta para com a mãe do seu marido? Sempre delicada e amável, mesmo que tenha motivo para se aborrecer?		
8	... como faz no café da manhã: senta-se ao lado do seu marido já vestida e bem arrumada?		
9	... procura auxílio e consolação junto do seu marido com todas as dores possíveis? Queixa-se frequentemente?		
10	... é o seu marido quem deve falar constantemente? Nunca o interrompe? Nem mesmo quando tem a sensação de que ele está a fantasiar demais?		
11	... o que lhes acontece quando há qualquer coisa que não corre bem: segue a velha experiência que diz que os homens detestam que lhes façam cenas, ou deixa-se enervar?		
12	... consegue mostrar muito interesse e admiração pelos conhecimentos dele, de modo a considerar o seu marido um coifeiro, quando fala de política, ciências ou problemas profissionais?		
13	... possui tolerância e sentimentos psicológicos suficientes para se adaptar às circunstâncias da vida, sem perder uma palavra?		
14	... dá ao seu marido a ilusão de que é o dono da casa, embora muitas coisas estejam melhor nas suas mãos?		
15	... ainda hoje seria capaz de se servir da escóva de dentes do seu marido?		

Sinceramente...		sim	não
1	... continua a ser tão delicado e amável para a sua mulher como nos primeiros seis meses de casados?		
2	... esforça-se por manter sempre as boas maneiras e a atitude calma que o tornaram sempre muito amável?		
3	... seria um perjuro se jurasse que nos últimos oito dias nunca disse uma palavra áspera à sua mulher?		
4	... pertence àqueles 80% dos maridos que vivem sempre em pé de guerra com as sogras? Mostra sempre uma cara sorridente para a sua sogra, mesmo quando não está bem disposto?		
5	... consegue despertar sempre na sua mulher a impressão de que lhe interessa muito o corte do seu novo vestido ou uma receita de cozinha preparada por ela?		
6	dá de vez em quando um presente à sua mulher, mesmo quando tem a consciência tranqüila? Fica contente quando a sua mulher está alegre?		
7	... diante dos filhos, dos empregados e de estranhos dá sempre razão à sua mulher, para guardar as aparências? Num grupo põe-se sempre do lado da sua mulher, quando ela diz qualquer coisa errada?		
8	... põe à parte, de boa vontade, o livro que está a ler, quando a sua mulher mostra vontade de sair?		
9	... Observa constantemente a saúde da mulher e preocupa-se quando ela tem mau aspecto, sem fazer comparações rudes? Acompanha a sua mulher ao médico e informa-se sobre o estado de saúde dela?		
10	... tem toda a sua aprovação a maneira como a sua mulher trata da casa e dos filhos?		
11	... é pontual?		
12	... evita ter discussões com a mulher na presença dos filhos ou de estranhos?		
13	... afasta sempre a idéia de uma manhã ao acordar ter a seu lado outra mulher?		
14	... ajuda no arranjo da casa, sem resmungar? Por exemplo, nos fins de semana faz alguns trabalhos maiores em casa?		
15	... e por fim a pergunta mais importante: voltaria a casar com a sua mulher, se fosse solteiro?		



As perguntas à esquerda, voltadas para a mulher, declaram claramente qual o papel esperado para o sexo feminino na época: não interromper o marido “enquanto ele lê jornal ou assiste ao programa na TV”, fazê-lo se sentir o dono da casa, ficar sempre ao lado dele, etc. As respostas “corretas” às perguntas atestam a submissão incutida à mulher no período e nos fazem pensar sobre as relações de poder existentes entre homens e mulheres.

Para identificá-las (as mulheres) como sujeitos políticos é necessário analisar as intrincadas relações de gênero, de classe, de raça e de geração. É necessário falar também do desmerecimento feminino” (COLLING, p. 2)

A aparência e a passividade da mulher diante das situações também é um aspecto valorizado nas perguntas. Ao longo das reportagens vai-se solidificando cada vez mais essa ideia de que ter opinião e atitudes próprias PE algo extremamente negativo para o sexo feminino.

As perguntas direcionadas ao homem reiteram a submissão feminina: “Dá de vez em quando um presente à sua mulher? Mesmo quando estando com a tranqüila”, dando a ideia de que um objeto compensaria erros cometidos, e ainda mais, sugerindo que o homem tem direito de cometer certos tipos de erros, como a infidelidade.

“Diante dos filhos, de empregados e de estranhos dá sempre razão à sua mulher para guardar as aparências?”. A pergunta em questão reforça o estereótipo da mulher repleta de emoção e desprovida de razão. O homem não deve dá-la razão por ela estar certam, mas para manter as aparências.

Conclusões

A análise das reportagens indica claramente uma preocupação dada para as questões familiares na revista. Todo esse tratamento, principalmente o dado às questões de gênero, pode ser considerado um reflexo da política do período. A preocupação com a manutenção da família, base da sociedade, assim como o estabelecimento de papéis definidos para homens e mulheres era alvo constante de ações.

O cidadão modelo, seguidor dos valores cristãos e da sagrada instituição da família, era o ideal para a manutenção da organização sócio-política do período. O discurso de Rainha afirma essa preocupação, ao indicar modelos a serem seguidos. Analisando a instituição a qual a revista é vinculada, a igreja católica, assim como o público



heterogêneo ao qual era destinada, podemos entender isso como o discurso de uma classe, a detentora de poder, ditando como toda a sociedade deve agir.

Analisando especificamente as relações de gênero, podemos pensar na proposta da historiadora Joan Scott (1991) que afirma que essas relações são uma primeira forma de dar significado às relações de poder e estão inseridas dentro de um projeto para o país.

Trabalhos como o de Silva, também trazem luz a essas questões:

Pensar as relações de gênero no período da Ditadura Civil Militar no Brasil é lançar um olhar acerca das relações de poder que ali se estabeleciam. A formulação de modelos identitários, como forma de legitimação, além de não ser algo inocente, se insere em determinado contexto e está sujeito a mobilizações carregadas de sentido (SILVA, p. 7)

Dessa forma, o estudo dessa construção de um ideal de indivíduo para o período é de extrema importância para entendermos a conjuntura histórico-social da Ditadura-Civil Militar e os mecanismos utilizados pelos detentores do poder.

REFERÊNCIAS

COLLING, A. M. . As mulheres e a ditadura militar no Brasil. História em Revista. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2006, v. 10, p. 169-178.

DALMOLIN, Aline R. **A Rainha de Lauro Trevisan: Modernização e Religiosidade**. 2007. 153 p. Dissertação – UNISINOS. São Leopoldo, dezembro de 2007. Impresso.

Escola Superior de Guerra. **Manual básico**. Rio de Janeiro: ESG, 1977.

KONRAD, Diorge Alceno. **Seqüelas de Santa Maria: memórias do apoio e da resistência ao golpe de 1964**. In: As ditaduras de segurança nacional: Brasil e Cone Sul; para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça. Porto Alegre: Comissão do Acervo da Luta contra a Ditadura, 2006, p.100-108.

MOTTA, L. G. F. . **O trabalho simbólico da notícia**. Líbero (FACASPER), v. VIII, p. 8-15, 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho – o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva; Fapesp, 2002.

RAINHA. Santa Maria, maio de 1963, p.17.

RAINHA. Santa Maria, fevereiro de 1971, p.14-15.

RAINHA. Santa Maria, março de 1971, p.14-15.

RAINHA. Santa Maria, abril de 1971, p.14-17.



SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Trad. Christine

Rufino Dabat, Recife, 1991, (mimeo). SILVA, T. S. . **História, Gênero e Educação: As mobilizações de gênero pela ditadura civil-militar brasileira sob uma perspectiva da educação (1964 - 1985)**. In: III Seminário nacional de Gênero e Práticas Culturais, 2011, João Pessoa. III Seminário nacional de Gênero e Práticas Culturais - Olhares diversos sobre a diferença., 2011. WEBER, M. H. **Imagem Pública**. Em: RUBIM, Antonio Albino Canelas. **COMUNICAÇÃO E POLÍTICA: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004.

ZINANI, C. J. A. . **História e memória na narrativa latino-americana contemporânea**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis : UFSC, 2010. v. 1.